

A UNIÃO

REVISTA LITTERARIA E NOTICIOSA.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para a Capital. . . 4\$000

Pagamento adiantado.

REDACTORES :

Os alumnos do Collegio do SS. Salvador.

Publica-se nos dias 1.º e 15 de cada mez.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para fóra da Capital . . . 4\$500

Pagamento adiantado

Anno I.

Desterro, 15 de Novembro de 1868.

N. 23.

Parte Litteraria.

Sciencias Naturaes.

(Continuação.)

A luz Drummond experimentou-se que é muito mais util que a da cal e magnesia calcinada, por ser esta mais refractaria. A escassez da magnesia até agora fez o uso della muito custoso e difficil; mas as ricas minas de carbonado de magnesia que recentemente se descobrirão na ilha de Negroponto, abaixarão o custo dellas talvez em tres quartas partes.

A potencia que tem a magnesia pura de resistir á temperaturas altissimas, sem fundir-se, e a facilidade com que por meio da calcinação extrahese do carbonado, a fazem utilissima aos chymicos, para construir crisóes e vasos refractarios de todo o feitio, aos metallurgos para cobrir as suas fornalhas com um reboço refractario a toda prova, como na fusão do aco, em que as paredes de costume não seriam sufficentes, e finalmente aos physicos, para obter uma das luzes mais resplendentes com que humano artificio passa imitar a luz mesmo do sol.

Para este effeito, basta suspender por uma tenaz de ferro um pequeno cilindro de magnesia pura com quatro ou cinco centimetros de comprimento, e seis ou oito millimetros de diametro, sobre a chamma oxidrica de magnesia que o repucho ardente dos dous gazes toque a extremidade inferior do cylindro. Este fica logo encandescente e brilha por algum tempo com luz vivissima e constante sem consumir-se. Porém a magnesia, como nota o Snr. Caron na exposição feita das suas experiencias á academia das sciencias em Paris, deve ser mui pura, sem mistura de algum corpo extranho, especialmente da pedra serpentina e de silica (com que costuma achar-se misturada nas minas) pois que d'outra maneira perderia os dous terços, e tambem os quatro quintos de sua luz: contudo se for misturada com um bocado de cal, não seria máo, sómente tomaria neste caso a chamma uma côr algum tanto modificada entre o roseo e a violeta. Em lugar pois do hydro-

geneo puro póde empregar-se para alimentação da chamma o gaz ordinario da illuminação, isto é o hydrogeneo bicarbonado; mas neste caso a luz diminue muito, e o consumo do oxigeneo accrescenta-se até o duplo.

A luz com magnesia vae-se já introduzindo no uso: e o Imperador Napoleão III, depois de vistos os esplendidos ensaios d'ella, feitos na praça do Hotel-de-Ville, deo ordem que se allumiasse com luz oxidrica a immensa corte interna das Tulherias, cuja vastidão não era até aqui allumiada sufficientemente pelas luzes a gaz e hoje deve já ter-se effectuado esta mudança.

Contudo, tambem a magnesia é defeitosa, e não toca a perfeição ideal dessa luz, que quereria uma substancia escandescente totalmente inalteravel, de maneira que podesse resplandecer indefinitamente com summa viveza na chamma oxidrica, sem nunca consumir-se. A magnesia quanto se quer pura e bem preparada, no calor ardentissimo desta chamma vitrifica-se o que é peor, volatilisa-se sensivelmente, de modo que depois de algum tempo na parte tocada pelo repuxo dos dous gazes, se faz uma cavidade que prejudica muito a intensidade da luz. Quando usa-se do hydrogeneo bicarbonado, a magnesia se consome menos velozmente e um cilindro só, póde servir por muitos dias; mas, se pelo contrario, usa-se do hydrogeneo puro, pois que neste caso a temperatura da chamma é muito mais elevada, o volatilizar-se e consumir-se da magnesia encandescente vai tam ligeiro que em praxe seria impossivel servir-se da magnesia para publica illuminação. Por isso o Sr. Caron foi procurando outra substancia, capaz de dar luz igual á da magnesia, e ao mesmo tempo resistir com inalterabilidade absoluta ao calor intenso da chamma oxidrica. Depois de muito experimentar e de muito tentar em vão muitas substancias, a glucina, os oxydos de cromo, de cerio, de lantano, os titanados, tungstados, etc., com base de magnesia, o silicato de zirconia, e outros, achou finalmente o que desejava na zirconia pura. Azirconia (oxido de zirconio) é uma pedra ou terra vidrosa, indurissima tanto que risca o quartz e o vidro, in-

fusível e resplandente, de vivíssima luz á chamma do maçarico. Experimentada pelo Sr. Cavan, na chamma oxidrica, nada volatilisa-se, e parece poder resistir indefinidamente aquelle calor sem consumir-se; pois que como elle referio a academia na reunião de 25 de Maio deste anno, depois de ter exposto por mais de um mez cada dia um espigão de zirconia á chamma dos gazes não pôde achar o mais pequeno signal de volatilisação, ou diminuição ou alteração. Alem disto a luz da zirconia encandescente supera a da magnesia na proporção de 6 a 5 mais ou menos.

(Continúa.)

ROMANCE

O Canario.

CAPITULO V.

(Continuação)

D'Erlau, Lina e Ricardo pasmão com os olhos fitos no canario, que repetia a mesma aria.

« Eis-ahi o que ha do mais admiravel, dizia d'Erlau. Meu Deus, acrescentou elle descobrindo-se, já minha razão principia a admoestar-me, que me de-sejaes entregar minha esposa e filho.

Dizei-me, Ricardo, em que paragem achaste esse canario?

— Comprei-o á um joven Tyrolez que encerrava alguns em seo viveiro; tomei este sendo o mais lindo entr'elles.

— Oh! amigo, sem demora corre ao encontro d'esse mancebo; talvez possa dar-nos felizes informações. »

Ricardo parte immediatamente.

D'Erlau e sua filha o aguardavão impacientes.

« Quão grande não será a penuria em que se achão aquelles infelizes! dizia o pae. »

Alfim achaga Ricardo seguido do Tyrolez.

O mancebo é interrogado, mas nada responde de especial acerca do canario, só que havia comprado no Tyrol á um pastor. O nome de d'Erlau lhe era desconhecido. No entanto segundo as novas perguntas, garantio-nos habitar em seo paiz uma mulher tal qual nós a pintavamos.

O Tyrolez descreve todos os signaes da mulher e filha. D'Erlau, Lina e Ricardo tocados de jubilo exclamão todos a uma voz: « São elles! são elles! estamos todos convencidos. »

Dêrão graças ao Altissimo por um effeito tão nobre de sua paternal e amorosa providencia.

D'Erlau, toma averiguações mais circunstanciadas da paragem em que retirára-se sua esposa, e da estrada por onde chegaria. Offerta ao Tyrolez um escudo de seis francos por sua fiel narração.

Desd'então occupão-se com os preparativos para a partida.

Já pela madrugada do dia seguinte dirigem-se para o Tyrol não se olvidando do canario; sua gaiola está pendente a um dos arcos que sustentão a cortina da caleça. Assim seu canto vinha de quando em quando alegrar os viajantes, e abreviar tão longo caminho.

CAPITULO VI.

A familia reunida.

Sendo ditosa a viagem de d'Erlau, chegou sem accidente algum com sua equipagem na aldêa, da qual dependia o logarejo do Schwarzenfels logo que

chegou foi visitar ao curidozo cura, o qual lhe confirmou tudo o que o mercador lhe descrevêra. Ainda jazem sobre a terra a esposa e filho d'Erlau. « Ai de mim! acrescentou o cura, esta mulher engolphada na tristeza e na dôr, julgou ter seo esposo voado para a eternidade, e depois d'esta fatal nova a alegria affastou-se de sua alma. »

D'Erlau pergunta lhe d'onde dimanava esse estucio-a noticia. O cura toma um maço de gazettas, e lhe apresenta; e com effeito vio que em tal dia havia subido ao cadafalso. Essa asserção, não obstante lhe parecer estranha, explicou-a facilmente. Nesses tempos de discordia e perturbações, tal inexactidão na lista das victimas immoladas passara sem exame.

D'Erlau, cuidando que esta pavorosa noticia havia despediç-do o coração de sua esposa, e que talvez a lançasse no tumulo, fica profundamente consternado. O cura determinou-se a tomar com d'Erlau algumas precauções.

Todavia apesar de já, approximar-se aoute e de haver um tempo tempestuoso, pactuarão seguir sem de longa para Schwarzenfels.

Os frêcos de neve principiavão a cahir n'essas montanhosas regiões. Sem embargo partirão, e quasi immediatamente chegarão ao cimo dos montes cobertos de matta, onde descortinava-se no fundo do valle modestas choupanas, cobertas de neve, planas em seus tectos, com suas altas chaminés, que espargião grande fumarada.

Eis ahi a pequena caravana; ella apoia-se sobre um cumulo de granito, ornado com musgo e abrigada pelos espesos ramos dos pinheirões que a preservam da tempestade.

O cura indicou com seu bordão a seus camaradas a choupana que habitava a companhia de d'Erlau; Ricardo desceu a vereda que ahi o conduzia.

A esposa de d'Erlau com luctuosas vestes, se havia assentado além do fogão cujas scintillantes chammas vinhão aclarar seo aposento ja offuscado pelo crepusculo da tarde. Ella occupava-se em rendas e tambem ouvia uma leitura de Carlos. No momento em que percebeu approximar-se Ricardo seu antigo servo, banha-se em pranto. De subito, levanta-se, corre para Ricardo, e como se fôra seo pae, beija-lhe as mãos, derramando lagrimas de dor e alegria. Carlos não ficou pouco surprehendido.

A infeliz faz assentar o ancião, e depois de tomar algum alento lhe diz:

« Ah! Ricardo, meu fiel Ricardo, quem pensaria que nos torna-semos a vêr! Ai de mim! em que circunstancias nos achais!

Não ousou fallar-te do triste e cruel destino do melhor dos esposos! essa recordação do passado me atormenta!

Mas dizei-me o que é feito de Lina? Sem duvida acabou seus dias!

— Mitigae vossa dôr, boa Senhora, continuou Ricardo, a amavel Lina inda existe. Sabei que o medico exaggerava o estado de vossa filha, não impedindo por longo tempo vossa fuga. »

A estas palavras a alegria chega aos labios da infeliz, e seus olhos brillão com um enlevo inexprimivel.

D'esde então o rosto da pobre mulher tomou um novo aspecto, e ella tornou com um tom de severa exprobação: « Porque não trouxeste minha filha? Porque não a arrancaste d'esse desgraçado paiz, onde seus dias parecem terminar-se?

Como podestes vós desamparar aquella infeliz, e deixal-a ao abandono?

Acreditava que teu amor..... »

Não acabava de articular estas palavras, quando de subito a porta se abre, e Lina corre aos braços de

sua mãe: Carlos cahe por terra juntamente; jámais lagrimas tão consoladoras se espargirão como no momento em que essa infeliz viu seus dous filhos em seus braços.

N'esse mesmo instante um acerbo sentimento veio envenenar os primeiros momentos de felicidade.

« Ah! porque não se approxima o mais amado dos esposos, o mais carinhoso dos paes! — e ainda vivo, é então que minha felicidade se completa.

Mas vós sois desgraçados orphãos, vossa presença me accumula de tristeza: eu, que posso fazer-vos? »

Então Ricardo a dispoz a fim de conhecer o que se passára. A infeliz em silencio e-cuta com attenção, e logo comprehende o que elle lhe vinha descrever.

O contentamento que sentia seo coração, vendo esse antigo servo a sua filha, era completado por assim dizer, com a maior felicidade que lograva sobre a terra, após seo espozoz de quem chorára a morte.

D'Erlau retirado atrás da porta, ouvia tudo que se passava.

Logo que a espozoz de d'Erlau, pela narrativa de Ricardo, percebeo que inda seu marido vivia, exclamou: « O' Deos de misericordia, será possível! D'Erlau inda vive!..... vós o arrancastes das mãos do algúz! Oh! elle não está á largos passos d'aquí, vinde, caros filhos, corram para junto delle... »

D'Erlau não podendo conter-se por mais tempo, abre a porta, e apressado corre alegremente para sua espozoz, e lança-se em seus braços.

Esta, que o julgava morto, começa a banhar-se em lagrimas, e experimenta n'esse momento uma viva emoção tornando a vel o em seus braços: tímida e tremula, e vacillante se com effeito seria d'Erlau, não podia articular uma palavra, e o contemplava com anejedado no clarão tremuloso da labareda. Não podia exprimir os sentimentos que sentia seo coração; e só pôde dizer: « Si experimentamos n'esta mortal carreira tanta alegria vendo os objectos mais caros que outr'ora de nós se apartou, quantas delicias não nos estão reservadas na patria celeste.

(Continúa.)

Uma lingua nova.

O *Quarterly Journal of psychological medicine* publicou a estranha relação de uma menina que substituiu á lingua fallada em sua casa, uma serie de vocabulos e verbos, formando um completo idioma do qual se serve, e não é possível desacostumal-a.

A menina conta agora cerca de 5 annos. Até a idade de 3 ficou sem fallar, sabendo somente pronunciar as palavras « papa » e « maman ».

Quando chegou aos 4, sua lingua soltou-se de repente, e presentemente falla com toda a facilidade e volubilidade de sua idade. Mas de tudo o que diz, as 2 palavras « papa » e « maman » que aprendeo a principio, são as unicas tiradas da lingua ingleza. Todas as outras nascerão em seo debil cerebro, e não tem relação alguma com a corrupção de palavras de que se servem as crianças que quotidianamente brincão com ella.

No seo vocabulario *Gaan*, significa God (Deos); *migno-migno watter* (agoa); *odo*, to send (mandar, enviar); *gar*, horse (cavállo).

« Um dia, diz o Dr. Hun, começou a chover. Mandarão entrar a menina, prohibindo-na de sahir antes que achuva cessasse.

« Ella poz-se na janella e disse:

« Gaan odo migno-migno, seu odo » Deos manda a chuva e traz os raios do sol.

« A palavra *seu* applicada no mesmo sentido da lingua a que pertence, surpredeo-me. Eu soube que ella nunca tinha ouvido fallar francez, cousa estranha que seria interessante certificar, porque ella usou muitas palavras do francez, taes como « tout », « moi » e a negação « ne pas. »

A menina tem um irmão cerca de 18 mezes mais velho do que ella, ao qual ensinou a sua lingua sem servir-se de nenhuma palavra das delle.

Seos pais estão muito afflictos com este pequeno phenomeno; tentarão frequentemente ensinar-lhe o inglez e de dar-lhe o nome inglez das cousas que ella designa diversamente em seo idioma; recusou-se absolutamente a isso.

Procurarão tambem affastal-a das crianças da sua idade e de não deixal-a communicar-se com pessoas idosas que fallando o inglez, nada conhecem de sua algaravia.

Era de esperar que uma menina, que tinhasse mostrado tão avida em communicar os seus pensamentos, até inventar uma nova lingua, procurasse aprender o inglez, que era fallado por todas as pessoas que a circundavão.

Mas acontece o contrario, porque, logo que se acha com pessoas que não é acostumada ver, começa a ensinar-lhes a sua lingua; e, por em quanto ao menos, seos pais renunciarão a tirar-lhe este costume.

Parte noticiosa.

Extrahimos do —*Monde*— um factoz excessivamente curioso que passou-se em Durham.

Passeava o doutor Warwick no parque de Lord Stamford, quando, approximando-se á um grande tanque d'agua, avistou um bonito lagio de cerca de seis libras. A' sua chegada o peixe fugio tão rapido como uma flecha. Em sua precipitação elle batteo com a cabeça n'um prego fixo em um barrote, quebrando o craneo e o nervo optico do lado esquerdo da cabeça. O pobre peixe parecia soffrer cruelmente; mergulhava-se no lodo, corria para a direita e esquerda, e em fim deo um salto e veio cahir sobre a relva.

O doutor Warwick tomou o desgraçado lagio, e percebeo, examinando-o, que uma porção do cerebro sahia para fóra atravez da fractura do craneo. Por meio de seu palito elle poz o orgão em seu lugar e resoldou as partes lesadas do craneo. Durante esta operação, o peixe não fez movimento algum. Apenas recobrou seu elemento, começou a nadar; porém novas dores parecerão ataca-lo, pois o doutor o vio ainda uma vez correr em todos os sentidos, e saltar fóra da agua.

M. Warwick chamou o guarda-mattas do

parque. Com seu auxilio, elle chegou a pegar o lucio, e á applicar-lhe uma ligadura sobre a parte lesada. Depois lançou-o na agua, e retirou-se, abandonando-o á sorte. No dia seguinte o doutor dirigio seu passeio para o tanque. O lucio approxinou-se pressuroso de seu bemfeitor, e, conta M. Warwick mesmo, « veio pousar sua cabeça sobre meus sapatos. Parecia-me um sonho! Apressei-me a examinar a ferida de meu doente, e notei que ella estava em bom estado de convalescença. Diverti-me em girar á roda do tanque; o lucio seguia-me com persistencia, parando quando eu parava, retrocedendo quando eu tornava atraz.

« No dia seguinte, continúa o doutor, eu trouxe em minha companhia muitos meninos, a fim de mostrar-lhes meo lucio. Elle correu perto de mim, como na vespera. Entretanto meus companheiros parecerão espanta-lo um pouco.

Elle adiantava-se pouco á pouco: corre quando eu assobio, e vêm comer em minhas mãos. Quando outras pessoas se chegam á elle, apressa-se á fugir. »

(Numismática-Marselha.)

Lê-se no « Monde ». Trabalhava, ha pouco tempo, um proprietario no territorio de *Saint-Gervais*, quando vio brilhar uma amphora quebrada pelo enxadão. Continha ella cerca de 7000 moedas de prata, mostrando todas, excepto algumas, a mesma fórma e carimbo. São medalhas gregas fabricadas em *Marselha*, quando esta cidade gozava uma elevada posição, nas artes, commercio, e civilisação, no meio-dia da antiga Galia. Lê-se de um lado: *Massilia*, em caractéres semi-gregos e semi-latinos.

Ensina-nos a historia que pela 45.ª olympiada, (376 annos antes de J. C.) os Phoceos Junios vierão fundar a colonia *Massilia* nas costas de *Celto Luguria*, paiz barbaro e quasi desconhecido.

Fugindo á tyrannia do governador que lhes imposera *Cyro*, rei dos persas, abandonarão para sempre seus lares. Estes exilados, cuja patria não era mais livre, trouxerão ás nossas regiões, o genio, as artes, os costumes, e as instituições da Grécia. Estas medalhas provão-no exuberantemente.

De todas as que se fundirão na mesma epoca, distinguem-se estas pela boa fabricação, caracter e bom gosto.

Variedades.

Academia dos silenciosos.

Havia em *Amadan*, na *Russia*, uma academia denominada dos silenciosos, cujo primeiro estatuto era concebido nestes termos:

« Os academicos pensarão muito; — escreverão pouco; — e fallarão o menos possível. »

No reino da *Persia* não havia um verdadeiro sabio que não tivesse a ambição de ser admittido como membro desta academia singular.

O doutor *Zeb*, autor celebre por um excellento livrinho intitulado *le Ballon*, vivia no canto

de uma provincia; mas constando-lhe que naquella academia havia um lugar vago, poz-se logo a caminho, e chegando a *Amadan*, apresentou-se á porta da salla das conferencias dos academicos, e pediu ao porteiro que entregasse ao presidente da academia um bilhete, concebido nestes termos:

O doutor *Zeb* pede humildemente o lugar que está vago.

O porteiro cumprio logo o seu mandado, mas o doutor e o seu bilhete haviam chegado demasiado tarde, porque o lugar já estava provido.

A academia sentio desgosto com este contratempo. Ella algum tanto a seu pezar havia admittido um homem que por sua eloquencia viva e ligeira fazia as delicias da cõrte e das praças; e agora a academia achava-se na impossibilidade de admittir o doutor *Zeb*, que alias era não só um engenho distincto e solido, mas o flagello dos falladores.

O presidente da academia havendo de comunicar ao doutor *Zeb* esta desagradavel noticia, achava-se com alguma difficuldade para desempenhar a sua commissão. Mas depois de pensar um pouco, mandou encher um grande copo d'agua, e de maneira que não podesse levar mais uma gota sem transbordar. Fez então signal para que entrasse o doutor *Zeb*. Este apresentou-se com o ar simples e modesto, que sempre acompanha o merecimento.

O presidente sem proferir uma palavra, mas com ar triste, levantou-se e mostrou ao doutor aquelle copo emblematico que se achava tão cheio.

O doutor comprehendendo logo que não havia lugar vago; mas sem perder coragem deo a entender que poderia ser admittido como academico supranumerario.

Vendo então a seus pés uma folha de rosa, levantou-a e lançou-a na superficie da agua com tal delicadeza, que não transbordou uma só gota. Toda a assembléa deu palmas á esta engenhosa resposta, e dispensadas as formalidades ordinarias, o candidato foi admittido como supra-numerario.

Apresentarão-lhe então, como era de costume, o livro de registo da academia, onde os membros novamente admittidos devião escrever os seus nomes. Elle escreveu o seu; e devendo, segundo o estylo, recitar um breve discurso ou phrase de agradecimento, o doutor *Zeb*, como academico verdadeiramente silencioso agradeceu sem diser uma só palavra. — Escreveu pois á margem o numero 100, que era o dos seus novos collegas, e pondo uma cifra ou zero antes daquelle numero por este modo 0100 accrescentou: « Elles não valerão nem meos nem mais. »

Então o presidente respondeu ao modesto doutor com tanta polidez como presença de espirito, pondo o algarismo 1 antes do numero 100 pela maneira seguinte 1100; e accrescentou: « Elles valêrão dez vezes mais. —

(Abbade Blanchet.)

Typ. de J. A. de Livramento.